

## MEIO AMBIENTE

No Distrito Federal, para cada poço artesiano regularizado existem outras 33 perfurações clandestinas. Escavações indiscriminadas prejudicam o lençol freático e ameaçam o abastecimento de água

# Queijo suíço no solo do cerrado

Sheila Messerschmidt  
Da equipe do Correio

A cada 500 m<sup>2</sup>, um poço artesiano. O subsolo do Distrito Federal, que poderia ser a solução para o abastecimento de água na região, tornou-se um problema ambiental. A falta de fiscalização e de punição severa contra agressores contribui para a artilharia disparada contra os lençóis freáticos do DF. Dados da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh) apontam que para cada poço regularizado existem outras 33 perfurações clandestinas.

A proporção foi divulgada pelo arquiteto e urbanista Lucídio Guimarães Albuquerque, assessor de gabinete da Semarh. Para que um poço seja aberto, é necessária a aprovação por meio de um processo administrativo da Semarh. A escavação (local, profundidade, vazão) deve ser acompanhada por peritos em geologia. Mas as exigências são ignoradas. A secretaria tem apenas 360 poços registrados. Outros 600 estão em processo de regularização. Albuquerque estima que existem entre 12 mil e 14 mil poços, abertos sem a menor fiscalização do governo.

"Há um tabu de que no DF não existe água. O que não existe é a correta administração desses recursos", avalia o funcionário da Semarh. Para Albuquerque, a retirada de água dos lençóis freáticos é mais veloz do que os mecanismos disponíveis pelo poder público para inibir o crime. "Nosso aparelho de repressão é pequeno", lamenta.

Nos últimos cinco anos, o quadro de fiscais ambientais da Semarh foi reduzido de 22 para 16 funcionários. Alguns deles trabalham cedidos para outros órgãos, o que diminui ainda mais os fiscais disponíveis para o serviço de repressão à escavação irregular de poços. O impedimento torna-se mais difícil em razão de não existir uma punição rígida para quem abre o poço sem autorização do órgão ambiental.

O deputado distrital Chico Floresta (PT), ex-secretário de Meio Ambiente no governo Cris-

tovam Buarque, critica a falta de renovação do quadro de funcionários na Semarh. A extinção do antigo Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (IEMA), segundo ele, piorou a situação. Floresta avalia que o DF esteja desparelhado para enfrentar o problema. "As tarifas de água são crescentes e as pessoas recorrem aos poços. Só que a água não pode ser um bem usado sem critério", avalia.

De acordo com a direção da Companhia de Saneamento de Brasília (Caesb), o preço cobrado pelo metro cúbico da água no DF é o quarto menor do país: R\$ 0,69. A promotora Cristina Rasia, da Promotoria de Defesa do Meio Ambiente (Prodema), acredita que o aumento da tarifa será um dos sinais de esgotamento do abastecimento. "A água será produto caro em alguns anos. O poder público está fechando os olhos para os abusos."

### POÇO EM 12 HORAS

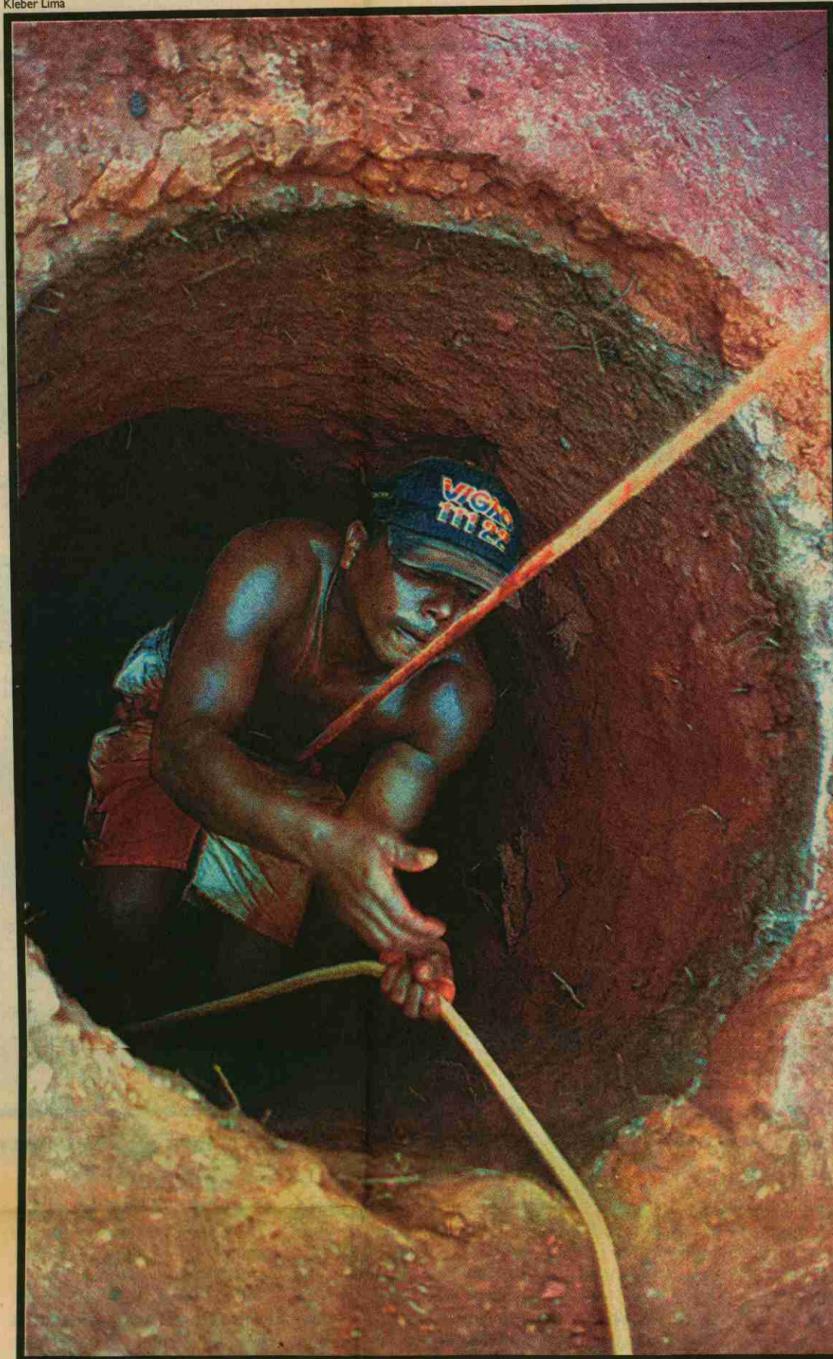
Empresas sem especialização na escavação de poços e sem profissional técnico responsável colaboram com a ilegalidade. Anúncios classificados oferecem abertura de poços em até 12 horas, por preços que vão de R\$ 80 a R\$ 320 o metro linear. No entanto, muitas delas aproveitam-se da falta de conhecimento do contratante. Conseguem uma autorização de obra no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea) e valem-se disso para a escavação. No entanto, o documento não dispensa a permissão da Semarh.

Dano maior é causado quando, em vez de abrirem poços profundos (em torno de 150 metros), as empresas cavam em solos permeáveis (chamados pelos geólogos de aquíferos porosos) para entregar aos clientes poços que não ultrapassam os 50 metros. A consequência é a rápida contaminação da água e de todo aquele lençol freático.

### SERVIÇO

Para regularizar um poço artesiano, ligue para a Subsecretaria de Recursos Hídricos: 340-3706

Kleber Lima



MILSON FERREIRA CAVA UM POÇO IRREGULAR EM UM LOTE DA INVASÃO DO ITAPUÁ: DOR DE CABEÇA E TONTURAS

### SUBSOLO AMEAÇADO

Confira os pontos em que as bacias hidrográficas do DF e Entorno estão contaminadas por conta da ocupação humana desordenada



**"ESTÁ FORA DE CONTROLE. AS PESSOAS CARENTES FAZEM DE MANEIRA OSTENSIVA. QUEM TEM MAIS RECURSOS DÁ UM JEITO DE CAMUFLAR O POÇO ATÉ DEBAIXO DE GRAMA"**

FERNANDO FONSECA, engenheiro e ambientalista

## Trabalho sem critério

Depois de 20 minutos, Milson Ferreira de Souza, 36 anos, começa a sentir dores de cabeça. Mais alguns minutos e vem a tontura. Ele está a 25 metros de profundidade, dentro de um buraco que cava, há 12 dias. Com a ajuda do amigo Vilson Gomes dos Santos, 29 anos, ele abre um poço de 85 centímetros de diâmetro, num lote da invasão do Itapuá, próxima à cidade do Paranoá.

O lugar é rico em mananciais de água, que alimentam o Lago Paranoá. Milson e Vilson formam uma das cerca de 40 duplas de cavadores de poços que trabalham no Itapuá. O assentamento irregular tem hoje 40 mil moradores, segundo estimativa da Polícia Militar. "Mais um dia de trabalho e já chegamos na água", calcula. Há locais no Paranoá nos quais os cavadores encontram água a 10 metros de profundidade.

Pelo acordo fechado com o morador do lote, eles têm de entregar o poço com um metro de água. São R\$ 500, divididos entre a dupla. "Se o poço secar, é outro preço pra cavar mais", adverte. A escavação não segue qualquer critério, a não ser a vontade do morador do lote. O poço cavado pela dupla está a estreitos 30 centímetros de um das paredes de alvenaria da casa. "Foi o dono do lote que mandou fazer aqui", esquivava-se Milson.

### SEM CONTROLE

Até menos de dois metros, no lote vizinho, já existe outro poço. Aberto há seis meses, o poço garante água para a família da diarista Ângela Maria Bezerra Mendes, 19 anos, e para outros três barracos — são oito pessoas no total. Ângela explica que, para evitar que a pouca água seque, os moradores fazem um revezamento. "Hoje é o meu dia de tirar água. Amanhã é uma vizinha e depois de amanhã é a vez de outra pessoa." No seu dia de usar a água, a diarista aproveita para colocar a casa em ordem: lava roupa e louça acumuladas e toma um banho caprichado. Nos outros dias, usa o que consegue estocar em dois galões.

Por ser uma invasão, o Itapuá não conta com o abastecimento da Companhia de Saneamento de Brasília (Caesb). Não tem nem mesmo carro-pipa, como ocorre na Estrutural, outro assentamento irregular. No mesmo lote de 120 metros quadrados, Ângela cavou o poço da água que usa na cozinha e a fossa para onde vai o esgoto produzido.

O engenheiro e ambientalista Fernando Fonseca atribui à falta de consciência e de fiscalização a proliferação dos poços no DF. "Está fora de controle. As pessoas carentes fazem de maneira ostensiva. Quem tem mais recursos dá um jeito de camuflar o poço até debaixo de grama", reclama.

## Água já está reduzida em Brasília

A Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais (CPRM) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) concluíram a primeira fase do estudo de zoneamento ecológico-econômico da região integrada de desenvolvimento do DF e Entorno (ZEE Ride). Os resultados mostram problemas sérios na qualidade da água das bacias que abastecem Ceilândia e as cidades goianas de Águas Lindas, Santo Antônio do Descoberto, Luziânia e Valparaíso.

O ZEE é um projeto do Ministério do Meio Ambiente. As conclusões técnicas também apontam para uma preocupante redução na quantidade de água na bacia que abastece Brasília, Planaltina e Sobradinho. O relatório

apresentado revela que 13% da água consumida no DF vêm de poços artesanais. O técnico Casio Roberto da Silva, diretor do Departamento de Gestão Territorial da CPRM, avalia que no Entorno a situação é pior. "Existe um número maior de chácaras e condomínios, que não são atendidas pela Saneago (Companhia de Saneamento de Goiás)."

Para o especialista em recursos hídricos Henrique Leite Chaves, professor na UnB, o problema se agrava quando não existe um mapeamento dos poços existentes. Ele diz que em geral o profissional contratado para escavar não tem como saber se existem poços em propriedades próximas. Há ainda limites para um lençol freático. "A abertura

de vários poços, sem distância mínima entre eles e sem um estudo geológico acabam secando essa fonte."

Em Águas Lindas, a 47 km do Plano Piloto, os 100 mil moradores têm o abastecimento feito por pessoas ou empresas, que distribuem a água captada em poços. Gilney Viana, secretário de desenvolvimento sustentável do Ministério de Meio Ambiente, afirma que o maior impacto ambiental está nas áreas mais povoadas. Mas ele lembra que condomínios de classe média também abusam das escavações. "Estamos diante de algo descontrolado. Se não fizermos um reordenamento urbano, a vida se tornará insuportável nessa região nos próximos 40 anos."